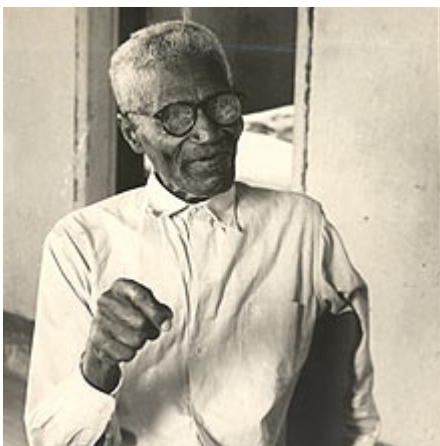


UMA OUTRA HISTÓRIA

O mestre-sala dos mares: a revolta da chibata e a consciência histórica dos alunos¹

Por Maria Antônia Marçal²

E-mail: ariammarcal@yahoo.com.br



O mestre-sala dos mares, cantado por Aldir Blanc e João Bosco na década de 70, teve sua vida marcada pelo estigma desta revolta. João Cândido foi durante algum tempo esquecido pela história e teve profissionalmente sua vida destruída ao ser expulso da Marinha. A anistia prometida aos revoltosos fora anulada. A identidade de revolucionário, João Cândido buscou durante alguns anos esquecer. Já que este passado lhe rendeu uma prisão no Hospital de Alienados durante dois meses no qual ficou trancafiado após a revolta. Mesmo depois de ser absolvido juntamente com os demais revoltosos João Cândido jamais conseguiu trabalho na Marinha Mercante e sobreviveu do mercado da pesca durante 40 anos. Aos 89 anos, morre no Rio de Janeiro João Cândido durante a ditadura militar (1969). Ainda é possível perceber nos livros didáticos de História o espaço diminuto dado à Revolta da Chibata devido a sua importância na história nacional de nosso país.

¹ Dedico este trabalho aos meus alunos e alunas da 8ª Série (2009) do Colégio Estadual Professora Elzira Correia de Sá / Ponta Grossa – PR, com os quais pude contar nessa aventura: o ensino de História, os processos de apreensão do conhecimento histórico e as relações étnico-raciais.

² Mestre em Educação, Professora de História do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Educação do Paraná.

A Revolta da Chibata entrou em cena nas aulas de História da oitava série durante o estudo da primeira fase da República no Brasil (1899-1930). Neste sentido, teve início um processo de construção deste conhecimento, não a partir do conhecimento do professor, mas das idéias prévias dos alunos. O caminho aparentemente inverso no processo de construção do conhecimento partiu da percepção dos alunos não como sujeito passivo no processo de ensino-aprendizagem, mas como indivíduos ativos na construção do seu conhecimento.

Tendo em vista estas reflexões resolvi transformar minha sala de aula numa espécie de “laboratório” e investigar os processos de apreensão do conhecimento histórico acerca de um tema específico – A revolta da Chibata (1910). Inicialmente, sem realizar qualquer comentário sobre este assunto, pedi-lhes que escrevessem o que eles sabiam sobre aquele assunto, a sondagem foi realizada a partir das seguintes indagações: onde e quando aconteceu? Quem eram os envolvidos? Qual foi o motivo da revolta? E finalmente, o nome do seu principal líder. Os alunos, num primeiro momento se desesperaram em função de não saberem o que escrever na folha, mesmo lhes tendo sido notificado que a mesma não seria avaliada tendo dos critérios formais de avaliação (nota). Esta preocupação exacerbada levou alguns desses alunos a pesquisarem secretamente seu livro didático buscando ali segurança para responder as questões propostas. Após a realização desta etapa prosseguimos para a segunda etapa que consistia em pesquisar no material didático, dados sobre esta revolta e responder a seguinte indagação: o que você aprendeu sobre este assunto?

Buscou-se na análise deste material considerar elementos relativos à consciência histórica dos alunos bem como aspectos relativos ao pertencimento étnico do principal líder desta revolta, o almirante negro João Cândido, ou seja, a significação desta pelos educandos. O conceito de consciência histórica enfatizado neste texto encontra-se assentado nos pressupostos teóricos Rüsen (2001). Para este autor a consciência histórica está relacionada a capacidade de orientação temporal é a inclusão da experiência concreta do passado que constitui propriamente o processo de construção do conhecimento histórico. Um conhecimento onde estas experiências possam influir no construto de uma história e que possam agir como fatores de orientação no tempo.³ Focalizarei neste trabalho este conceito no intuito de perceber as reflexões sobre este tema no imaginário destes alunos e ainda como alguns educandos se movimentam na relação passado e presente e elaboram seus posicionamentos frente ao assunto

³ RUSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da história: fundamentos de uma ciência histórica**. Tradução Estevão Resende Martins. Brasília: UNB, 2001.

estudado, mesmo quando esta relação não fora solicitada pela professora que desenvolveu esta pesquisa.

Participaram desta pesquisa 26 alunos com idade entre 13 e 16 anos de idade. Na primeira etapa deste trabalho os alunos tiveram que atribuir significados a uma revolta que desconheciam. Muitos alunos associaram a mesma com uma época específica escravidão (5 alunos), outras enfatizaram que se tratava de um conflito ocorrido na África entre negros e brancos devido às diferenças raciais dos mesmos (2 alunos) e de forma mais esparsa atribui-se ainda a revolta à disputa entre generais, militares e marinheiros para liderar a chibata, associando a revolta ao conteúdo de história visto anteriormente, ou seja, destacaram a situação dos operários que trabalharam na construção de ferrovias no norte e sul do país. E ainda, aqueles que associaram à disputa por terras referência indireta aos movimentos de luta pela terra Canudos (1894-1897) e Contestado (1912-1916).

A segunda etapa desta atividade consistiu na consulta ao material didático, livro de História⁴ os alunos deveriam ler na seção Panorama o item que aborda a Revolta da Chibata e sintetizar na ficha pontos principais desta revolta. Neste momento, foi possível analisar de que forma as idéias preliminares dos alunos se afastavam ou se aproximavam deste acontecimento. Alguns alunos ao sintetizar os pontos principais desta revolta omitiram, intencionalmente ou não, o nome do seu líder João Cândido, o almirante negro. No universo pesquisado apenas cinco indicaram o nome do líder deste movimento. Este silêncio constitui-se como um importante foco de análise acerca das questões étnico-raciais no cotidiano escolar. Trata-se de um silêncio do currículo escolar que ao longo de vários anos têm apagado as ações destes sujeitos, este ranço é significado por estes alunos quando estes se deparam com uma história diferente daquela presente nos livros de história veiculada basicamente de duas formas: pelo texto escrito e o imagético. O negro é representado nos livros didáticos, de forma mais incisiva, como escravo, sujeitado, retratando apenas uma força motriz de caráter econômico. Já a Revolta da Chibata revela um outro olhar até então pouco explorado pela educação escolar: a de um negro altivo, determinado, no comando de um movimento que modificou a vida dos marinheiros e as concepções da marinha enquanto instituição.

Os alunos de maneira geral enfatizaram os castigos físicos na síntese integradora acerca deste movimento. Elemento este que vem reforçar o imaginário destes alunos acerca da historicidade e ao mesmo tempo da invisibilidade desta parcela

⁴OLIVEIRA, Conceição & MUCCI, Carla, PAULA, Andréa. História em Projetos: A encruzilhada dos mundos: consertos e desconsertos nos séculos XX e XXI. São Paulo: Ática,2006.

da população no seu imaginário. Mesmo após a consulta sobre o que foi a Revolta da Chibata e o período em que acontecera dois alunos a associaram à escravidão. O primeiro aluno diz:

“Que antigamente militares, marinheiros faziam alguma coisa errada tomavam chibatadas. E hoje não existe escravidão.”⁵

O segundo aluno:

“Marinheiros lutavam contra a escravidão. Eles apoderaram-se das embarcações de guerra e apontaram seus canhões para a República. O congresso prometeu a extinção dos castigos físicos”⁶

Contudo, é interessante destacar o relato de dois alunos frente ao assunto tratado e a relação por eles estabelecida entre passado e presente. É possível perceber o movimento da consciência histórica destes alunos. Eles expressaram suas idéias livremente sinalizando ter somente como estímulo sua consciência histórica. Como se pode perceber abaixo:

“Eu acho que os marinheiros não só pela cor negra é gente, todos é gente.”⁷

E ainda:

“Que as pessoas sempre lutaram por direitos iguais e por liberdade de expressão. Mas, até hoje ainda não foi totalmente executado, ou seja, as pessoas ainda não conseguiram isso. Na revolta da chibata eles lutavam por fim dos castigos corporais e melhoria na alimentação da tripulação dos navios, que aconteceu no RJ e também em São Paulo e Minas Gerais, os principais envolvidos foram dois marinheiros.”⁸

⁵ Aluno da 8ª série, em ficha de avaliação de apreensão do conhecimento histórico – Revolta da Chibata (1910) aplicada em 15/04/09.

⁶ Idem.

⁷ Idem

⁸ Idem.

É possível identificar neste último relato um equívoco histórico, o aluno afirma que esta revolta aconteceu em São Paulo e Minas Gerais, esta confusão de idéias é devido ao fato dos navios tomados pelos marinheiros possuírem o nome destes dois estados. Contudo, estes alunos demonstraram um movimento de reflexão muito interessante no que diz respeito à mobilização de saberes relativos ao assunto, Revolta da Chibata, bem como a explicitação de seu posicionamento. Este tema histórico motivou nestes alunos a percepção das relações étnico-raciais para além da sala de aula. A construção de suas idéias revelam dois elementos: no primeiro relato o aluno emite um discurso de igualdade como forma de enfrentar um desafio em nossa sociedade: o racismo. Inicialmente, a fala deste aluno parece sinalizar para o não reconhecimento do racismo como um elemento estruturante das relações sociais no Brasil. Contudo, uma leitura mais atenta indica que este aluno reconheceu na ação dos marinheiros um espaço de luta pelos direitos civis da população negra. O discurso da igualdade traz consigo um grito de indignação.

Já no segundo relato, a aluna expõe de forma bastante evidente a discriminação racial no Brasil e que esta é uma luta antiga cujo fim ainda está por vir. Destaco ainda o lugar social destes educandos. Trata-se de duas alunas cujo grupo étnico-racial difere do líder da Revolta da Chibata. Notei ainda, o silenciamento dos meus alunos negros que em número mais reduzido em sala de aula ocultam, silenciam e apagam sua descendência bem como não reconhecem a sua própria identidade. Espero ainda ouvir suas vozes, vislumbrar nos olhos de meus alunos negros [e brancos] o grito da liberdade, o sentimento de historicidade, ou seja, o reconhecimento da trajetória histórica daqueles que vieram antes deles.

A realização desta atividade permite com que o professor retome o tema histórico para desconstruir estereótipos e equívocos históricos relativos à apreensão do conhecimento histórico. Esta atividade permitiu a realização de um mapeamento do caminho a ser percorrido com esta turma na explicitação de conceitos e na desconstrução do binômio negro/escravo, fazendeiros/escravos que aparecem na apreensão deste conhecimento histórico. Para além, do conteúdo histórico aqui destacado, Revolta da Chibata, a discussão deste assunto permite uma importante atuação no processo de construção de identidades de forma positivada.

Ao longo de nossa formação, os professores de história, têm centrado seu fazer pedagógico na figura do professor. A produção do conhecimento de forma dialógica entre professores e alunos tem pouco espaço em nossa sala de aula. Não me refiro aqui ao relacionamento mais aberto e franco existente entre professores e alunos, o foco é a

participação destes sujeitos no processo de construção do conhecimento. A formação dos professores em geral está assentada no princípio pedagógico de uma *educação bancária* conforme assinala Paulo Freire (1996), neste sistema de ensino o professor deposita o conhecimento nas mentes dos alunos e estes, por sua vez, reproduzem este conhecimento na prova.

Difícilmente, os professores e professoras realizam cotidianamente o exercício de pensar de forma mais sistemática a prática docente. Esta reflexão é muitas vezes atropelada pela demanda de atividades a que está vinculada esta profissão: excessiva jornada de trabalho associada ao número elevado de alunos em sala de aula. O pouco reconhecimento, entre os próprios docentes, da ação educativa enquanto locus do conhecimento, o fato de que sua ação se movimenta através de um processo contínuo de reflexão os transforma em máquinas num processo repetitivo de operações.

Schmidt (2005) no artigo intitulado *A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história* enfatiza que a sala de aula é um espaço de conhecimento. Esta visão amplia as dimensões do ensinar e do aprender e põe em discussão o papel de professores e alunos no processo de construção do conhecimento. Este foi o movimento pretendido pela autora na realização desta atividade, ao associar as questões relativas à análise da consciência histórica dos educandos às questões relativas a educação das relações étnico-raciais.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRANATO, Fernando. **O negro da chibata: o marinheiro que colocou a República na mira dos canhões.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

OLIVEIRA, Conceição & MUCCI, Carla, PAULA, Andréa. **História em Projetos: A encruzilhada dos mundos: consertos e desconsertos nos séculos XX e XXI.** São Paulo: Ática, 2006, volume 4.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história.** Cadernos Cedes, Campinas, vol. 25, nº 67, p. 297-308, set/dez 2005.

SILVA, Marco A. da. **Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910.** São Paulo: Brasiliense, 2002.